

## PARACATU DE BAIXO: A FOTOGRAFIA DE UM DESASTRE...

Valéria Amorim do Carmo<sup>1</sup>

### O LUGAR NOS AFETA

Trago nesta experimentação<sup>2</sup>, um pouco do que tenho experienciado de um fenômeno que me afetou e tem feito parte do meu pensar sobre o que venho construindo da relação da fotografia com a geografia: o desastre ocorrido no dia 5 de novembro de 2015 com o rompimento da barragem de Fundão controlada pela SAMARCO pertencente ao Consórcio VALE-BHP *Billinton*.

No município de Mariana próximo ao distrito de Bento Rodrigues, uma barragem de rejeito de minério se rompe derramando 34 milhões de metros cúbicos de lama no rio Gualaxo do Norte.

Eu me pergunto:

<sup>1</sup> Núcleo de Pesquisa em Geografia Humanista – NPGEOH. Departamento de Geografia – Instituto de Geociências – UFMG. [vamorimbh@gmail.com](mailto:vamorimbh@gmail.com).

✉ Av. Pres. Antônio Carlos, 6627, Pampulha, Belo Horizonte, MG. 31270-901.

<sup>2</sup> Todas as fotografias são de minha autoria.



Distrito de Bento Rodrigues arruinado pelo rompimento da Barragem de Fundão.

**Em que um desastre como esse pode nos ajudar a entender esta complexa rede de relações que se forma no nosso encontro com os outros e que transforma este encontro com os outros, em lugares?**

## 17 DE SETEMBRO DE 2016

Visitei pela terceira vez o distrito de Paracatu de Baixo depois do rompimento.

Enquanto estava lá, encontrei Seu Romeo, antigo morador, caminhando pelos escombros próximos à igreja. Era funcionário da SAMARCO e trabalhava como fiscal de mina.

Andando vagorosamente, de olhar fixo no chão, ele se aproximou e começamos a conversar. Apontando para frente, me mostrou onde ele e a família moravam.

Em sua casa funcionava a sorveteria que ajudava na complementação da renda da família.

No dia do desastre, o freezer estava cheio de sorvete que acabara de fazer se preparando para o final de semana que se aproximava.

Nos finais de semana toda a comunidade se reunia na praça que ficava bem ali ao lado da igreja.

Ele contou que no dia 5 de novembro, a lama chegou por volta das sete e meia da noite. Ainda estava claro, pois era horário de verão. Na hora do desastre, ele estava trabalhando na mineração, próximo à barragem de Fundão. Ele só não imaginava que a lama atingiria o distrito com tanta intensidade. De qualquer maneira, assim que soube tentou ligar inúmeras vezes para casa, mas o telefone não atendia. Conta que pegou o carro e, tamanha era sua aflição, que gastou 20 minutos da Mina até Paracatu de Baixo, localizada a mais de 60 km de distância.

Quando chegou tinha muita gente parada na praça andando de um lado para outro sem entender o que estava acontecendo. Um helicóptero sobrevoou várias vezes a comunidade, mas não desceu, pois estava prestando socorro em Bento Rodrigues e somente quando não mais havia o que fazer por lá é que chegou em Paracatu. O povo estava muito espantado, pois a maioria nunca tinha visto um helicóptero antes. Correram em sua direção assim que perceberam que ele iria pousar. De lá de dentro, um bombeiro saltou apressadamente gritando

Paracatu de Baixo: a fotografia de um desastre  
Valéria Amorim do Carmo

que todos teriam 5 minutos para pegar um documento e correr imediatamente para a parte alta da comunidade, próximo ao cemitério, pois a lama estava chegando. Seu Romeo não acreditava que a lama iria cobrir quase tudo, tanto que o freezer cheio de sorvete foi retirado e carregado para uma casa que ficava um pouco mais acima de onde morava, mas não adiantou.

O rio de lama passou duas vezes em Paracatu de Baixo. Na primeira vez, a lama praticamente passou direto ao lado do distrito seguindo rio abaixo. Mas quando encontrou a cachoeira alta, não conseguindo atravessar, a lama retornou e desta vez atingiu em cheio destruindo grande parte de Paracatu de Baixo. “Foi muita sorte as pessoas terem conseguido se salvar”...

Seu Romeo está morando em Mariana com a esposa e o pai de 86 anos junto com vários outros atingidos. Praticamente todos os dias precisa ir a Paracatu por causa de seu pai que ainda resiste em aceitar o que aconteceu. Seu Romeo conta que seu pai chora o dia todo de tristeza e que por isso precisa ir a Paracatu para aliviar um pouco sua dor. Enquanto conversávamos, o pai de seu Romeo estava por ali, em algum lugar, percorrendo o que sobrou, na esperança de um dia ter sua casa de volta.

Contou que poucas pessoas trabalhavam fora da comunidade. Praticamente só o arroz e o feijão vinham de fora. As pessoas se alimentavam do que era produzido ali mesmo nos quintais. “E agora o que vai ser da gente?” ele me perguntou...



























## TER “LÁ FORA” É UM PRIVILÉGIO!

*Andar descalço na grama... cavucar a terra com as mãos... encontrar uma goiaba madura fora de época escondida no meio das folhas... seguir uma galinha e encontrar sua ninhada com vários pintinhos.*

*De realidade passou a sonho num piscar de olhos.  
A invasão da lama da barragem de Fundão significou em nossas vidas, além de tudo, acabar com o nosso “lá fora”.  
Um ano... 365 dias... Compramos vasos de flores... fizemos hortas suspensas... as crianças brincam em ruas de lazer... tomamos sol na varanda... na ilusão de que aquilo são nossos quintais.  
Que Deus nos ajude!... Estamos em compasso de espera... Saudade do nosso “lá fora” .... É lá fora que a vida pulsa!*

*Um ano... Um ano sem Paracatu... Um ano sem “lá fora”...<sup>3</sup>*

Apesar da lama, Paracatu de Baixo vive. Vive na fé de seus moradores que, mesmo espalhados depois de obrigados a abandoná-la fisicamente, lutam para que seu lugar não morra.

Paracatu de Baixo resiste graças ao amor à terra por parte daqueles que alí habitam.

Paracatu de Baixo – lugar onde o sagrado se une aos mortais pela força da religiosidade; lugar onde a terra onde se nasce é também a terra onde se cultiva o alimento.

Da relação entre os que alí viviam, sobre a terra e sob o céu, resiste, ou melhor, existe um mundo chamado Paracatu de Baixo... APESAR DA LAMA! ☹

<sup>3</sup> Relato da Angélica Peixoto (professora da Escola Municipal de Paracatu de Baixo) para o Jornal A Sirene. Edição especial, “Um ano sem ‘lá fora’”. Edição 8, novembro de 2016.